



ETAPA PREPARATÓRIA CAICÓ/RN

RELATÓRIO

JULHO/2022

APRESENTAÇÃO

O Núcleo Estadual do Centro Brasileiro de Estudos em Saúde- CEBES no Rio Grande do Norte, através do Projeto de Extensão Saúde é Democracia da UERN e da Residência Multiprofissional em Atenção Básica da EMCM/UFRN em parceria com o Conselho Municipal de Saúde promoveram a Etapa Preparatória da Conferência Livre, Democrática e Popular em Saúde, realizada no dia 13 de julho, enquanto espaço livre e aberto para discussão sobre a saúde com a presença de 92 participantes. Trata-se de movimento que antecede as etapas da 17ª Conferência Nacional de Saúde a ser realizada em 2023.

PROGRAMAÇÃO

13 de julho de 2022 no Centro de Convivência -Campus da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/ Caicó-RN

13:30 Apresentação cultural/ Mística de abertura- Cordel

14:00 as 16:00 Mesa Temática e debate- Saúde e Democracia: o SUS que queremos!

Representante do CEBES-RN

Presidente do Conselho Municipal de Saúde/ Caicó

Representante da Secretaria Municipal de Saúde

Representante das Instituições de Ensino de Saúde

Coordenação da mesa

Prof Dimitri Taurino Guedes

José Procópio Lucena

Mércio Gabriel

Profa. Ana Luiza Oliveiras

Profa Maura Vanessa

17:00- Ato de Encerramento- residentes do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica- EMCM/UFRN

CORDEL DE ABERTURA

Hoje estamos nessa conferência
Para discutir a saúde como direito
E precisamos com urgência
Motivar todos os sujeitos
Manter a luta com frequência
E exigir o máximo de respeito

Temos um Sistema Único de Saúde
Que cuida de todos os cidadãos
Desde a Vigilância em Saúde
Até a parte da vacinação
Um sistema cheio de virtudes
Mas que clama por salvação

Um sistema que tem história
Para o Brasil, é importante
Fruto de muitas lutas com vitória
Mas que hoje vive um momento
preocupante
Devemos respeitar essa história
E protegê-lo de forma perseverante

Um sistema que tem uma complexa
gestão
No seu modelo de financiamento
Envolve todos os entes da federação
Para garantir qualidade do atendimento
Melhorar o seu modelo de Atenção
E com o usuário, ter comprometimento

Mas em 2016, um golpe veio atacar
Afetando a nossa jovem democracia
E o mandato de Dilma cassar
Com Temer, o neoliberalismo crescia
A aprovação de uma emenda acontecia
Para uma agenda conservadora
implantar

A emenda do “teto dos gastos” veio
alterar
Um sistema já subfinanciado
Para o desmonte na saúde engrenar
Doenças tendo um aumento acentuado
Com um modelo assistencial colapsado
E pessoas nas filas a agonizar

Como pode se fazer gestão
Com esse baixo financiamento
É de cortar o coração
Ver muita gente em sofrimento
Diminuindo a oferta da Atenção
Que é realizada nos equipamentos

O SUS precisa ser cuidado
Ter a sua Rede de Atenção fortalecida
O usuário precisa ser escutado
E a comunidade não ser esquecida
A saúde não deve ter dinheiro contado
E a sua capacidade deve ser expandida

Não tem Rede de Atenção
Que se sustente
Com dinheiro pouco na mão
De um gestor, mesmo sendo ele competente
A doença vem de avião
Acabando com a vida da gente

O SUS precisamos defender
Ele cuida do cidadão
Do perigo de adoecer
Nessa pandemia, vimos a sua nobre função
Não podemos permitir esse desmonte, não
E todos juntos, fazê-lo fortalecer

Esse cordel quer parabenizar
A vocês que são resistência
E que se comprometem em lutar
Através da união do coletivo e da
persistência
Começando aqui na Conferência Popular
Defendendo a vida, o SUS e a ciência.

Saúde é democracia!
Viva o SUS!
Viva a Ciência!

Jomara Cíntia de Araújo Carneiro
Caicó, RN, 11 de julho de 2022.

SÍNTESE DAS FALAS DA MESA TEMÁTICA

Representante do CEBES-RN- Prof. Dimitri Taurino Guedes

Saúda a mesa.

Falando sobre a perda de direitos e os espaços de Controle Social sendo suprimidos. O povo precisa ter ciência do seu papel como cidadãos pelo direito à saúde. Do ponto de vista civilizatório, a população tem regredido. Diante de todo esse contexto teve o chamamento para essa conferência, ela se coloca fundamental pelo cenário que a gente vive e pela iminência da Conferência que irá acontecer ano que vem. Diante desses retrocessos devemos lutar e redesenhar o que queremos para a saúde nos próximos anos. Chamar os profissionais de saúde e os estudantes de saúde para aumentarem a sua responsabilidade em defesa do SUS. O CEBES no RN produziu um documento que é feito bianualmente que dialoga muito com a nossa conferência. São vinte pontos que convido vocês a lerem. Um dos pontos é a defesa do nosso sistema de saúde. Defender a eliminação de novos contratos do SUS com o setor privado. Defender uma reforma fiscal, diminuindo impostos sobre a classe mais pobre. Contribuir para eleger representantes que defendam os interesses da população. O professor assim, encerrou a sua fala.

Presidente do Conselho Municipal de Saúde- Procópio Lucena

Começa saudando a mesa, expositores e estudantes.

O Brasil com toda a sua riqueza não pode ser desigual. A sua desigualdade é consequência de decisões políticas, desde o Brasil colônia, envolvendo a ditadura militar até os dias atuais. A classe trabalhadora acredita nesse país, produz riqueza todos os dias, mas estamos vivendo num país com uma mente egoísta, promotor de injustiças, preconceito, racismo. Compreende que a pobreza é algo natural e sabemos que não é. A democracia burguesa fala que o voto é a única maneira de exercer democracia e sabemos que não é. O Banco Central tem autonomia de fazer política monetária, mas essa política é feita para aumentar a riqueza e fazer o jogo do interesse do capital. A lei de responsabilidade fiscal limita o Estado, isso foi uma estratégia do setor privado para que o serviço público vá sumindo cada vez mais. O teto de gastos veio para diminuir o investimento em serviços públicos, o concurso público está para ser extinto. Veio uma reforma trabalhista que retira direitos do trabalhador, em um hospital temos a mesma categoria produzindo de forma diferente e com ganhos diferentes. Vivemos em uma ditadura do capital e escravidão legal, a serviço de uma sociedade autoritária.

Existe uma disputa no mundo em tudo aquilo que pode gerar lucro e seja da necessidade humana, por exemplo, tem um projeto de lei que é para privatizar a água. O Estado seria apenas um regulador. O Banco Mundial já emitiu uma nota sobre a saúde ser “taxativa” em um pacote de serviços. Hoje, o SUS está na berlinda e cada vez mais está se encaminhando para o setor privado. Uma mercadoria valorosa não pode ser um direito, o SUS é valioso e é visado pelo capital. E tem uma alienação que tudo que é privado é melhor e o que é público não presta. O Brasil precisa reagir democraticamente, senão ficaremos na penumbra da miséria. A Petrobras está tendo um lucro exorbitante e resolveram baixar o ICMS e isso irá impactar nos serviços essenciais, como a saúde, a educação, no cuidado com o meio ambiente. Não existe política pública sem imposto. Precisamos derrotar a intolerância, o preconceito, a violência. Precisamos dialogar, precisamos nos revoltar a resistir. Estamos vivendo um momento de barbárie no país. Ter um espaço para manter a oportunidade do diálogo é essencial.

Conclui saudando o SUS, a ciência, os trabalhadores de saúde e a população.

Representante das Instituições de Ensino de Saúde- Profa. Ana Luiza Oliveiras

Cumprimenta a mesa.

Que encontro maravilhoso, que terá uma ata, um produto e fará parte do relatório nacional. O que é que iremos fazer para a 17ª CNS? O Estado dando o mínimo, mas o neoliberalismo avança.

O que está em jogo na conjuntura atual?

Em um contexto em que se vê através da mídia médico estuprando mulher em seu parto. Quero agradecer as enfermeiras e técnicas de enfermagem daquela instituição pela coragem e defesa da vida. Certamente elas serão perseguidas pela instituição de poder que é a corporação médica. Mas essa corporação não exerce seu poder apenas porque existe. O poder é exercido porque é estrutural como nos mostra Silvia Federici no Calibã e a Bruxa. E o que isso tem a ver com Etapa Preparatória da Conferência Livre, Democrática e Popular em Saúde? Tudo.

Sabemos muito bem que a Política em seu sentido mais genuíno, se configura como conflito (Sergio Abrante) que devem, em tese, pautar estratégias que promovam justiça social. Dessa forma o Estado é uma Zona de conflito. Esse conflito só é possível por conta de um modelo de governo chamado democracia. A democracia é imprescindível. Entretanto a Democracia desenhada dentro do Sistema Econômico chamado Capitalismo nos apresenta uma roupagem ludibriosa e cheia de mentiras.

É aí que quero entrar para falar um pouco de como o poder, as corporações e o Estado não são e nunca serão democráticos em um Sistema econômica como o capitalismo. Pelo contrário, são modelados para manter a grande “conquista” desse modelo de conseguir através do Aparelhamento Ideológico de Estado somado com a mídia, pesquisas, burguesia, fazer com que as pessoas acreditem que vivem essa tal democracia, pelo menos aqueles e aquelas que tomam a pílula azul de Matrix e vivem em uma realidade aparente e limitada. Vamos lá.

O SUS, como sabemos, foi arrancado do Estado sob a égide da redemocratização do país. Digo arrancado pois nenhum direito no modelo Democrático Capitalista Brasileiro é dado, é cedido. Tudo, absolutamente tudo, é tomado pelo povo e seus mecanismos de mobilização social. Mas, assim como lá no início da Reforma Sanitária, temos limitações importantes que devem ser problematizadas seja em uma situação micro como o médico que coloca seu pênis na boca de uma mulher enquanto colegas

realizavam a sutura de uma cirurgia cesariana, paga uma fiança, some da mídia e volta a ser o que sempre foi; ou em um nível mais macro que diz respeito em como somos massa de manobra do Estado quando não fazemos uma leitura crítica da realidade e atuamos de maneira articulada para construir pautas comuns. É aí que está o segredo, pautas comuns, compartilhadas e que se articulam para caminhar na luta.

O professor Nelson Rodrigues dos Santos e o saudoso Gilson Carvalho sempre falavam para gente, lá nos anos de 2009 quando reativamos no Núcleo do CEBES de Campinas, que durante a ditadura era mais fácil se articular, mesmo não tendo tantas formas de comunicação porque todo mundo respirava uma pauta comum, a democratização do Brasil. Uma das bandeiras nos anos 60 e 70 era a democratização do Estado e isso contagiava as pessoas engajadas nessa luta. Novamente pergunto: o que nos contagia? A pauta generalista Defesa e Fortalecimento do SUS não é suficiente. Ela é um objeto que é um fim e não um meio. Temos que encontrar meios para alcançar esta defesa e fortalecimento. Devemos como povo parar de conversar sussurrantes e paralelas e começar a criar conexões que podem se transformar em ações concretas e não apenas discursivas. Será que a gente consegue? Tendo a crer que sim pois sem essa crença não poderíamos avançar em nenhuma estratégia de reforma necessária como proposto no início do Movimento da Reforma Sanitária que se diga com propriedade, não acabou. Estamos ainda em movimento de reforma. Sabe porquê? Porque o anti-SUS existe e é um Sistema de Saúde enorme. Mas não podemos deixar de pontuar que o SUS germina dentro do anti-SUS e não pode deixar que nosso discurso seja captado e usado para voltar a sociedade contra as conquistas alcançadas até hoje. Vocês já araram para ouvir que mais de 75% da população sonha em ter um Plano de Saúde Privado? Mas isso é outra discussão que envolve, Ideologia, Previdência, Representação Social e Desconstitucionalização.

Pois bem. Vamos seguir. Pergunto, como se constrói uma Política Pública? Grosso modo, toda Política Pública é uma resposta a determinada questão social vinda da população que e a maioria das pessoas que vivem na sociedade pelo medo que o Estado, que nos representa, tem da pressão dos grupos organizados. A questão é: Será que o Estado tem medo das mobilizações do setor saúde e suas interfaces como questões e marcadores social da diferença como gênero, fome, raça, poder? Não tenho tanta confiança nisso. Tendo a achar que não.

Vamos pensar? O SUS foi uma conquista, SIM. Mas foi alvo de uma estratégia que, anualmente, desde 1990 foi sendo centralizada e monopolizada a nível federal por Instituições que se consideram acima do setor saúde como Ministério da Fazenda, Casa Civil, configurando um núcleo de poder que desenhou o que deveria ou não acontecer para cumprir a Constituição. Esse núcleo passou a decidir com muita inteligência aquilo que em uma democracia política deve ser pensada de maneira dialogada. Área Econômica passam a atuar e decidir sobre a Saúde.

Foi aí que podemos explicar que meia dúzia de conceitos e princípios, só duas foram implementadas de fato. Cadê a igualdade/equidade, cadê a descentralização. Cadê a participação da sociedade na construção de políticas? Isso foi sendo desmontado. O governo federal passou a retrainir o financiamento nos últimos 30 anos para inverter essa lógica de paridade e tal estratégia matou, em certa medida, a possibilidade de materialização do SUS no cotidiano. Agora, a gente vê a mesma coisa por exemplo com essa puxada no tapete com a reformulação do PNAB e instalação do Previner Brasil, a extinção da Rede Cegonha. A catástrofe que foi a Política Nacional de Imunização durante a Pandemia. E o que os Conselhos representativos do povo, a Universidade, as gestões fazem? Devemos pensar sobre isso pois mostra um tipo de política verticalizada e que por descrença ou por informação demais, não consegue permitir a articulação da sociedade.

Por isso uma Conferência Livre e Popular é importante. Mas vamos refletir juntos? Estamos mesmo em um momento popular? Vamos olhar em volta. Será que nós estamos conseguindo nos estender para fora de nós e sair do poder que nos protege para ouvir as pessoas? Ouvir que SUS as pessoas querem.

Eu acredito que não. Semana passada eu estava conversando com a professora Rosana Onocko e falávamos de como os Conselhos de Saúde no Brasil vem sendo, ingenuamente e inconscientemente, se deslumbramento com o que representam na Sociedade, mas que nestes 30 anos, não houve representação de fato. Sem medo de estar enganada, a participação popular no SUS através dos Conselhos não vem conseguindo modificar ou tensionar de maneira sustentável as Políticas Públicas. O que vemos é cada vez mais discursos em defesa do SUS e menos mobilização de base.

As iniciativas como esta Etapa Preparatória da Conferência Livre, Democrática e Popular em Saúde são importantíssimas, mas não devemos esquecer que elas não são um fim em si mesmo. São um meio pelo qual objetivos mais complexos podem ser alcançados. Que tal cada um ou cada uma de nós sair daqui com a tarefa de mobilizar uma única pessoa e garantir que haja a troca de saberes necessária para uma implicação

de fato com sustentabilidade? Que tal em nossos ambientes de trabalho assumirmos uma postura de construção coletiva para identificar pautas comuns? Que tal em nossa casa buscarmos mais simetria de poderes. Faça esses paralelos pois uma para ser Livre, Democrático e Popular devemos romper nossas amarras com aqueles três elementos que disse no início da fala, o poder, as corporações e o Estado.

Será que não estamos reproduzindo todos os elementos desta estratégia perversa em nossa vida cotidiana? Será que não estamos incorporando o medo como uma política pública que nos afasta da luta? Se vivemos uma crise política só podemos combatê-la na política. É aí temos que ter responsabilidade pois a responsabilidade é uma questão ética e não uma questão moral. Temos que ter a clareza de que o SUS é sustentado pelos movimentos sociais. Que nós temos o desafio de sustentar a luta social em um momento nítido de fratura democrática.

Como representante das Universidades aqui nesta mesa, reconheço o enclausuramento histórico e proposital produzido no interior dessas instituições e assumo a dificuldade de militar em um espaço onde não se pode militar. Em tensionar em um lugar de poder que usa seus privilégios para calar. Mas também reconheço que no meio disso tudo existem pessoas que constroem agendas de luta em seu cotidiano de trabalho. Reconheço que ser contra hegemônico é duro, mas ao mesmo tempo libertador.

Essa mesa e o dia de hoje é um momento importante para produzir certa união entre nós, privilegiados. Sim, privilegiados. Olhem a sua volta. Cadê o povo? Se não conseguirmos criar pautas que promovam justiça social com o povo estaremos reproduzindo o poder, a corporação e o Estado em nossas ações. Temos que defender este espaço como espaço popular e trabalhar para isso. É fácil? Não. Creio que é a tarefa mais difícil que possamos ter. Por isso a caminhada deve ser a história de uma luta de enfrentamentos e organizações de grupos populares que buscam no Estado a forma de ter atendido os seus direitos. E isso, é tarefa nossa. Mas para ser nossa, devemos ter estratégias com pautas e tarefas bem desenhadas porque se não caímos naquela história de 4 pessoas: TODO MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM e NINGUÉM.

Havia um importante trabalho há ser feito, e TODO MUNDO tinha certeza que ALGUÉM o faria. QUALQUER UM poderia tê-lo feito, mas NINGUÉM fez. ALGUÉM zangou-se porque era um trabalho de TODO MUNDO. TODO MUNDO pensou que QUALQUER UM poderia fazê-lo, mas NINGUÉM imaginou que TODO MUNDO deixasse de fazê-lo. No final TODO MUNDO culpou ALGUÉM porque NINGUÉM fez o que QUALQUER UM poderia ter feito.

O SUS é uma Política Pública que não está plenamente instituída. Os(as) trabalhadores(as) do SUS não tem a estabilidade que pensam ter. As Universidades que usam o SUS como cenário de prática não tem a defesa popular em seu favor. O SUS que queremos não está pronto. O SUS que queremos precisa ser discutido com as pessoas e não só entre nós. Por isso. Se alguém tem que fazer alguma coisa. Esse alguém é você e você não está sozinho ou sozinha.

Representante da Secretaria Municipal de Saúde - Mércio Gabriel

Começa cumprimentando a mesa.

Fala que enquanto representante da gestão, está vendo o quanto é difícil realizar gestão. Redução do dinheiro do financiamento do SUS, em especial da Atenção Básica, que é porta de entrada do SUS. O financiamento é o espelho do financiamento do norte-americano. A Atenção Básica está vendo o usuário como número. Falou sobre as dificuldades de implantar alguns instrumentos que são necessários para o fortalecimento da Atenção Básica do município de Caicó. O Ministério da Saúde é quem determina como devem ser os serviços. A pandemia teve um lado positivo pois mostrou a importância do SUS. Uma cidade pólo, mas que tem muitos vazios assistenciais. Na reunião ampliada de saúde mental, discutimos a necessidade de fortalecer essa assistência. Fazer gestão em Caicó não é fácil, pois temos que dar respostas à toda região. Precisamos fortalecer algumas redes, melhorar a nossa vigilância em saúde, reduzir o número de prestadores privados. Estamos sofrendo a sobrecarga do profissional da Atenção Primária. Precisamos avançar muito no fortalecimento da assistência. Fortalecer o vínculo da assistência à saúde com as Instituições de Ensino Superior. Precisamos fortalecer as nossas residências, trazer especializações. O município de Caicó investe 31% em saúde. Ele fez um resumo do cenário da assistência à saúde de Caicó.

Realizada uma roda de conversas para que os participantes e as participantes exponham as suas ideias, as suas críticas, sugestões.

1º participante - discente do curso de enfermagem da UERN

As vivências dos estágios conseguem despertar em nós diferentes olhares que, a partir de diferentes perspectivas, nos despertam sentimentos de indignação. No meu estágio na UBS pude ver o funcionamento e a dinâmica da equipe, bem como tomar conhecimento das principais dificuldades de lá, que têm aumentado com o sucateamento da Atenção Básica, por meio da implantação das metas do Previne Brasil, nas quais os indivíduos perdem sua identidade e passam a ser apenas números e, além disso, os profissionais passam a trabalhar sempre pressionados a atingirem metas, na maioria das vezes, não alcançadas. Enquanto isso, a população reclama por dificuldades para a realização de exames de rotina, seja pela baixa disponibilidade de fichas ou pelas dificuldades de chegar até o laboratório municipal. Por fim, vale registrar que as condições estruturais da UBS também tornam a dinâmica de trabalho complicada.

2º participante - Tainá - Presidente do Centro Acadêmico do curso de Enfermagem da UERN campus Caicó/RN

Temos que nos fortalecer enquanto acadêmicos de uma universidade pública do interior do estado e que luta pela formação de qualidade. Além disso, vale ressaltar que as

mudanças nas políticas de saúde defendem uma classe médica soberana em relação aos demais profissionais, escancarada nas alterações da Rede Cegonha para RAMI, uma área pela qual tenho tanto apreço e me vejo como futura profissional atuante. Por fim, destaco a necessidade do empoderamento feminino por meio da maior divulgação de informações para que atos de violência contra a mulher sejam combatidos e casos como os recentes acontecimentos não voltem a acontecer.

3° participante - Lídia (Enfermeira residente em Atenção Básica, egressa da UERN campus Caicó)

Se defendemos a força coletiva para promover mudanças, precisamos da união de todos os atores possíveis. Critico a ausência dos discentes do curso de odontologia do campus na participação neste evento, o qual é de suma importância para a formação e fortalecimento de vínculos, já que é uma luta coletiva.

4° participante - Marisa (Cirurgiã-dentista residente em Atenção Básica, egressa da UERN campus Caicó)

Gostaria destacar três pontos na minha fala: primeiro, há uma grande necessidade de mudança de perspectiva de visão da Atenção Básica que, atualmente, é vista como um ambulatório. Temos que fortalecer a importância da promoção de saúde, prevenção de agravos e educação em saúde. O segundo ponto é um alerta à fragilidade feminina dentro das redes de atenção à saúde, tendo em vista os casos de violência recentes. Por fim, destaco a necessidade de valorização dos programas de residência multiprofissional em saúde, valorizando todos os potenciais e entendendo que não são profissionais inseridos nos serviços unicamente para suprimir as demandas do serviço, mas indivíduos também em formação.

5° participante - Élide

Momentos como esse são muito ricos, mas ainda há a falta da participação popular, a população precisa estar junta nesse movimento de luta pela defesa dos direitos e a forma de incluí-los na luta é por meio da disponibilização de informações a eles. Há a necessidade do empoderamento da população geral para que possam se mobilizar a favor dos seus direitos.

6° participante - Rosário

Essa é uma luta coletiva muito necessária, todas as reivindicações discutidas aqui no âmbito da saúde e da assistência social são importantes e tudo isso precisa chegar à população. Precisamos buscar meios para uma maior participação popular, como forma de gerar o empoderamento social.

Conclui saudando o SUAS.

7° participante - Assistente social atuante no município de São João do Sabugi/RN

Em São João do Sabugi, a assistência tem um projeto voltado à valorização da formação das crianças e adolescentes da cidade, de forma que esses possam se enxergar como o futuro da cidade, é um movimento de identificação consigo mesmos e com o território em que estão inseridos. Convido quem quiser conhecer o projeto a ir na cidade. O público infantil não pode ser desassistido, para que possam se tornar, de fato, o futuro do país. Destaco a necessidade da união da luta junto com os municípios vizinhos para uma maior mobilização.

MÍSTICA DE ENCERRAMENTO

Autoria Felipe Lima- farmacêutico e residente do Programa de Residência Multiprofissional da Atenção Básica da EMCM-UFRN

Um poder que é nosso – Felipe Lima

Democracia!

Palavra forte, de origem grega

E que fique claro: tem sobrenome.

Eu ouço muito falar sobre democracia

Mas a que nos chega

Pertence a burguesia.

Essa democracia não nos serve,

Nos ilude e nos decepciona.

É uma democracia que traz insegurança:

Política, econômica, social e ambiental

E desconstrói a solidariedade humana,

Meio importante para combater esse mal.

Se de um lado existe a burguesia,

Controlando até mesmo a democracia,

Do outro está o proletário

Sendo dominado e explorado

Por um sistema precário.

A história já deixou bem claro,

Que no capitalismo,

A luta de classes existe.

E qualquer conciliação com a burguesia

É sinal de fraqueza, derrota e fatalismo.

Mas existe uma saída!

Uma saída a esquerda e democrática.
Que também tem sobrenome
E é pouco comentada.
Seu nome é Democracia Popular
E é a que devemos articular.

Importante para emancipação humana,
E é com ela que nos encontramos na coletividade
Como sujeitos ativos, políticos e históricos,
Entendendo que a vida não está determinada
E que as coisas podem sim ser mudadas.

Construir uma democracia popular
Não é tarefa fácil,
Pois o próprio sistema capitalista
Investe pesado em uma educação alienante,
Estimulando o povo a trocar aliança
por competitividade dominante.

É tarefa de todos,
Que acreditam em uma sociedade mais justa,
Construir uma educação que vá além do capital
Na vida urbana, rural e digital,
Em todos os setores,
Até mesmo dentro do SUS.

Um Sistema de Saúde resistente,
Que mesmo com o subfinanciamento, desfinanciamento
E uma gestão fascista,
O SUS se mostra persistente.

Apesar da dor e do sofrimento
Ainda existe uma esperança no esperar,
Como o mestre Paulo Freire já dizia,
E Jamais poderemos nos anestésias e
normalizarAs violências que o Estado burguês
nos dá.

Que as nossas bandeiras de luta possam se encontrar
Combatendo a fome, o capacitismo, o racismo, a
LGBTQIA+Fobia.
Protegendo o meio ambiente
E lutando com os povos originários e os quilombolas.
A favor da educação pública, do SUS, da soberania
brasileiraE por uma diplomacia que vise a paz entre os
povos.

Pra finalizar
Que a gente possa se inspirar
Nas pessoas como Dandara dos Palmares, Antônio Conselheiro e
MarighellaChico Mendes, Bruno Pereira e Dom Phillips,
Bertha Maria, Dorina de Gouvêa e Nise da Silveira
Marielle Franco e todos aqueles e aquelas que nos mostraram
Que a utopia e a democracia popular
Não é só para sonhar.
É para realizar!



